

SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA E GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES OS DESAFIOS E AS PERSPECTIVAS DE COMPATIBILIZAÇÃO

Marcia dos Santos Machado Vieira (UFRJ)
Marcos Luiz Wiedemer (UERJ)

RESUMO

Neste capítulo, defendemos um tratamento do fenômeno de variação no âmbito da Gramática de Construções do Português a partir da compatibilização de orientações e conceitos da Sociolinguística e da Gramática de Construções. No intuito de construir uma heurística socioconstrucionista, lançamos mão de três constructos teórico-metodológicos: (i) variação por aloconstruções/metaconstrução; (ii) variação por semelhança simbólica; e (iii) variação por paradigma/padrão discursivo. Sinalizamos um encaminhamento de trabalho científico que – ao centrar-se na experiência de uso ou de processamento, percepção ou avaliação subjetiva, bem como considerar uma rede de padrões construcionais configurada por introspecção e empiria – desenvolva generalizações estatísticas sobre os *links* associativos entre fatores de atributos das faces forma e função de construções postas/percebidas no uso em relação de variação por similaridade/sinonímia. Em linhas gerais, nossa contribuição já vislumbra um caminho que articule análise multivariada e *collostructional analysis* para lidar com conexões entre padrões construcionais variantes e com padrões de atração entre colexemas a um mesmo *slot* construcional ou padrões de coerção de lexemas a um *slot* construcional.

INTRODUÇÃO

Retomamos a discussão seminal feita por Machado Vieira e Wiedemer (no prelo), e exposta no encontro do GT de Sociolinguística da ANPOLL em 2017, sobre o tratamento da variação no modelo da Gramática de Construções, um referencial teórico de gramática em Linguística Funcional-Cognitiva que se baseia na experiência.¹ Nessa ocasião, lançamos mão de três constructos teórico-metodológicos: (i) variação por aloconstruções/metaconstrução; (ii) variação por semelhança simbólica; e (iii) variação por paradigma/padrão discursivo.

Neste capítulo, concentramo-nos na discussão da “variação construcional” e de como abordagens construcionistas centradas no uso podem lidar com esse fenômeno. Em outras palavras, focalizamos a configuração de variável linguística numa perspectiva de articulação entre Sociolinguística Variacionista e Gramática de Construções, num enfoque que temos intitulado de *socioconstrucionista* (cf. WIEDEMER; MACHADO VIEIRA, 2018a e WIEDEMER; MACHADO VIEIRA, 2018b). Para tal finalidade, aqui, problematizamos duas dentre as possibilidades de variação: (i) variação por analogia/alinhamento de construções independentes e (ii) variação por compatibilização de (co)lexemas a *slots* de construção. Procuramos reunir procedimentos analíticos para lidar com esses tipos de variação.

Inicialmente, é importante apontar que concebemos a língua como um sistema cognitivo e social de construções (unidades simbólicas que pareiam atributos relativos à forma linguística – prosódica, fonético-fonológica, morfológica, sintática, lexical – a atributos relativos à funcionalidade/significação semântica, discursiva, pragmática, social e cognitiva). Esse sistema licencia² a linguagem nas experiências de uso e de processamento (mental/emocional) da língua e é por estas moldado. E, então, se sujeita a processos cognitivos gerais como *pensamento analógico* (processo de combinação de aspectos/atributos de significação/função e forma) que podem ensejar ou não analogização (mecanismo de mudança que faz emergir uma correspondência até então inexistente) e *parsing* (processo de análise em meio a uma complexidade de dados/*inputs* que potencializa, como *output*, (i) reconhecimento de unidades simbólicas ou (ii) reconfiguração de relações, recombinação diferente da análise corrente)

¹ E, ao encaminharmos essa relação, estamos, também, respondendo a questões propiciadas pela análise heurística de Machado Vieira (2016), conforme discussão final.

² Entende-se que o modelo de gramática na mente do falante se (re)configura com base no uso e também opera licenciando tokens/ usos, numa relação em dois sentidos (bottom-up e top-down).

que pode ensejar ou não neanálise (mecanismo de mudança que faz emergir uma nova estrutura). Mudança implica a etapa de espraiamento social e convencionalização de uma inovação linguística (individual) numa comunidade.

Concebemos a língua como um inventário de construções que envolvem estabilidade (relativa) e instabilidade (heterogeneidade e dinamicidade). Esta não se circunscreve ao fenômeno de mudança³, ou seja, a alteração ao longo do tempo (aparente ou real), como muitas pesquisas construcionistas (que normalmente, quando consideram variação, a relacionam à polissemia ou à degeneração (VAN DE VELDE, 2014)) podem levar a pensar. Se construções são unidades simbólicas regulares que licenciam os enunciados que usamos e processamos, mas que também estão sujeitas a instabilidade – em razão de fatores internos às construções, externos à atualização destas em constructos/ usos e a fatores externos e internos aos falantes em situações reais de experiência linguística e/ou de processamento linguístico –, consequentemente é central o papel da variação nas generalizações na Gramática de Construções de uma língua. Naturalmente, esse papel pode ser, além de central, periférico, a depender, na verdade, do tipo de problema para o qual se incline a proposta de pesquisa (variação; ou variação-mudança, mudança)⁴.

Tendo em vista tais concepções, importam generalizações tanto sobre usos situados social, histórica, cultural, cognitiva⁵, semântica, discursiva, pragmática

³ Segundo Traugott e Trousdale (2013), esse processo ou é *mudança construcional* (alteração num atributo da face forma ou num atributo da face função/significação de uma construção, sem desencadear um novo nó construcional na rede (de construções) que constitui o sistema linguístico) ou é *construcionalização* (alteração tanto na forma quanto na função/significação que gera um novo nó/padrão construcional – forma nova pareada a função/significação nova). Na perspectiva construcionista de mudança, conforme Traugott e Trousdale (2013), **inovações** são características de conhecimentos individuais e se manifestam nas redes construcionais individuais, enquanto **mudanças** decorrem de um processo de convencionalização numa comunidade e, então, são compartilhadas. Em outras palavras, mudanças na rede construcional comunitária desenvolvem-se mediante a acolhida e o compartilhamento comunitário de pequenas inovações que ocorrem em instâncias individuais na interação falante-ouvinte, em grande parte por processos de analogização e *parsing*/neanálise.

⁴ Nossa prática de pesquisa centrada em dados da experiência leva-nos a conceber que mudança envolve variação (entendida, em sentido lato, como por similaridade ou por dissimilaridade). Sabemos, entretanto, que algumas práticas de pesquisa construcionistas se voltam para a delimitação de diferenças sincrônica e/ou diacrônica.

⁵ A influência de fatores cognitivos assume aqui uma configuração mais ampla que a de Labov (2010), uma vez que entendemos que eles podem afetar não só o que é dito, mas também como é conceptualizado e dito.

e formalmente quanto sobre o processamento, a percepção, a avaliação subjetiva de usos e a atitude em relação a estes. Cabe às generalizações descritivas contemplar o que se passa na Gramática de Construções de uma língua em termos dos fenômenos de estabilidade, variação e mudança. Assumido esse ponto de vista, a questão a ser enfrentada passa a ser a de desenvolver teórico-metodologicamente essa descrição, além da de lidar com o desafio de encarar a questão da variação por similaridade/(quase) sinonímia no modelo da Gramática de Construções centrada na experiência de uso. E, aqui, ainda mais especificamente, procuramos responder à questão de como delinear o envelope da *variação-(meta)construção* nessa proposta de compatibilização teórico-metodológica.

SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA E GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES: PERSPECTIVAS DE COMPATIBILIZAÇÃO

Alinhamento funcional de constructos teóricos

A rede construcional de uma língua conta com padrões construcionais/construções (lexicais ou procedurais/gramaticais) com diferentes graus de esquematicidade (propriedade de generalização de categorias em (sub)esquemas que captam as propriedades formais e funcionais compartilhadas por instâncias), produtividade (frequência *type* e potencial de extensibilidade de um tipo construcional em subtipos) e composicionalidade (relação de transparência entre significação/analísabilidade das partes e significação/analísabilidade do todo construcional, na qual há interferência da contextualidade). Tais padrões mantêm entre si relações de herança e, então, extensão de propriedades. Eles licenciam os constructos/usos (*tokens*) em enunciados orais ou escritos. Podem ser mais esquemáticos, e, então, conter mais *slots* disponíveis para cooptação de unidades da língua (sendo, assim, menos específicos na indicação dos tipos de membros da categoria). Podem ser menos esquemáticos porque são mais preenchidos/substantivos e contam com *slots* mais específicos. E ainda podem ter esquematicidade intermediária. São denominados, respectivamente, de esquemas/macroconstruções, microconstruções, subesquemas/mesoconstruções (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

A extensão de uma construção é muito variada: desde unidades lexicais (desde, inclusive, unidades menores que os lexemas) até unidades textuais/textos (cf. HOFFMANN; BERGS, 2018). Ademais, envolve informação sobre unidades linguísticas nela passíveis de compatibilização e regras que presidem a sua

organização (conforme previsto no Princípio de Coerência Semântica, GOLDBERG, 1995). E os *slots* construcionais, a depender do nível de esquematicidade da construção em que se encontram, estarão sujeitos a mais ou menos possibilidades de preenchimento e à compatibilização de membros mais ou menos centrais/prototípicos da categoria.

Logo, as construções sujeitas ao processo de variação as quais aqui focalizaremos podem ter uma destas configurações: (i) ou são unidades/construções da ordem da metaconstrução (conceito a ser definido, a seguir), ou seja, aloconstruções; (ii) ou são unidades/construções da ordem do *slot* construcional, ou seja, (co)lexemas (conceito a ser definido, a seguir). Outra possibilidade de recorte analítico é relacionar ambas configurações, procedendo-se ao cálculo da força de atração/repulsa de um (co)lexema quanto a um *slot* construcional (numa construção, em aloconstruções que configurem metaconstrução), bem como do perfil de construções ou de aloconstruções com que aquele mantém relação de compatibilização (por força de atração/repulsa ou coerção).

Quando se fala em variação no âmbito da Gramática de Construções, a muitos imediatamente ocorre o princípio de não-sinonímia (GOLDBERG, 1995), que prevê a potencialidade, na língua, ou de similaridade semântica ou de similaridade pragmática entre construções diferentes. É, em geral, concebido estritamente com base na relação sintaxe-semântica/pragmática de construções independentes. A remodelagem dessa relação com base nos atributos efetivamente previstos nas faces forma (fonético-fonológica – segmental ou suprasegmental –, morfológica, sintática, lexical) e função/significação (semântica, discursiva, pragmática, social e cognitiva) de um pareamento dá ainda mais margem ao potencial de que, em existindo duas construções ou duas unidades lexicais/lexemas (também construções na teoria) diferentes, haja diferença funcional entre elas. Porém, a feição de dissimilitude não se espalha, necessariamente, a todos os atributos envolvidos nessa face do pareamento (e a diferença, então, é, e não raras vezes, ou apenas semântica, ou discursiva ou pragmática ou social ou cognitiva). Em outras palavras, construções/unidades lexicais formalmente diferentes podem envolver diferença relativa a um atributo ou mais de ordem funcional e não necessariamente a todos os atributos da face funcional. Tal fato enseja, no que diz respeito a alguns atributos, espaço para o mapeamento de comparabilidade funcional, de percepção de similaridade e/ou de associação de construções/unidades lexicais distintas pautada em relativa proximidade funcional. Em decorrência desse processo, duas ou mais construções ((sub)esquemas procedurais ou lexicais) podem ser associadas por força de analogia e, então,

podem ser socialmente rotinizadas e cognitivamente estocadas como alternativas construcionais (aloconstruções); e, ainda, duas ou mais unidades lexicais/construções lexicais têm o potencial de desenvolver o perfil de alternativas no processo de compatibilização a *slot* de uma construção por força de atração (colexemas) ou coerção (lexemas).

Robert (2008), ao lidar, em *Linguística Cognitiva, com princípios de variação e estabilização de redes de unidades lexicais/construções lexicais*, defende esse tipo de abordagem multidimensional⁶ na organização entre forma e significação. Variação, inerente a qualquer sistema linguístico, é motivada por mecanismos cognitivos universais (como a analogia, por exemplo) responsáveis pela dinamicidade e plasticidade da conceptualização (por *meaning construal*), uma vez que a significação é construída de várias maneiras (em termos de acesso referencial e de recorte e categorização de conhecimento de mundo), entre (inter) locutores/comunidades diferentes (em termos de relações de poder e de redes sociais, por exemplo) e em contextos muito diversificados (semântica, discursiva, pragmática, social, histórica e culturalmente), mas segundo mecanismos cognitivos comuns. “Intra-linguistic plasticity of meaning echoes inter-linguistic variation” (ROBERT, 2008, p. 55).

⁶ Concebe uma dimensão na língua para lidar com a complexidade envolvida na relação entre forma e significação/função numa unidade linguística, que ela intitula como: “the depth dimension of language” (“l'épaisseur du langage”, Robert 1999, 2003). “Depth constitutes a third dimension in language, as opposed to the syntagmatic dimension (relations between the utterance’s terms) and the paradigmatic dimension (relations between the terms that may potentially occupy the same spot in the utterance); it is what makes the meaning “subjective and open-ended” (Lichtenberk 1991). This depth dimension constitutes the semantics of a term, and in a way represents the extremely variable harmonics that the semantic-structure-as-fundamental-frequency gives rise to. The depth of language is a complex area where linguistics associates both with linguistic and extra-linguistic matter and which plays an important role in the construal of an utterance’s meaning (Robert 1999).” (p. 73-74) E, na tentativa de ilustrar componentes envolvidos nessa multifuncionalidade, cita processos, que são resumidos pelo editor da obra de que seu artigo (cf. VANHOVE, 2008, p. viii) é parte, como: “This includes cultural categorization, referential paths, internal architecture (figure and ground), metaphor and metonymy, referential scales, application domains, scenarios and semantic universes, networks of formal and semantic relations between terms, connotations and social roles, associations between linguistic and extralinguistic representations, structured relations within a specific verbal or situational context, pragmatic inferences, (de)motivations, landmarks, attractors and “active zones”, prototypes, “semantic isotopics”, and anchor points”.

For both structural and cognitive reasons, natural languages are characterized by their **plasticity**, by **the ease with which the representations borne by the units composing them are subject to change**. Polysemy and polyreference are the general rule among languages. A single unit can thus have several different meanings and point to several different referents. In English for example the word greens can refer to village commons, leafy vegetables or members of a political party. Inversely, different units can refer to the same thing, such as roe and caviar, or hepatitis and jaundice. One could even state that local synonymy (limited to a certain context) is what makes it possible to paraphrase a term or phrase using another. Thus reflect can be paraphrased by either “think” or “throw back light”. **The ability to build equivalences is in fact a fundamental property of language: equivalences between terms (synonymy) or between phrases (paraphrasing), but also between languages (translation)**. There is no one-to-one relation between form and meaning, either within a language or across languages. From this view point, variation within languages (polysemy, synonymy), echoes variation from language to language and raises the question of how it is possible to say “the same thing” differently⁷ (ROBERT, 2008: 55-56; grifos nossos).

Construções (unidades procedurais ou lexicais), virtuais por natureza, licenciam constructos/usos. Porém, também se submetem, na atividade linguística, a operações por meio das quais – além de se atualizarem em enunciados efetivamente produzidos (os quais exibem, em maior ou menor grau, propriedades prototipicamente relacionadas aos padrões construcionais que atualizam) – se compatibilizam noutras construções e/ou se sujeitam aos fenômenos de variação e/ou mudança regular (como as que podem decorrer de situações de ambiguidade ou *misunderstandings* e *mismatches* as quais desencadeiem neoanálise). E, sobre os fatores que promovem variação, atuam, por outro lado, processos de otimização,

⁷ “Por razões estruturais e cognitivas, as línguas naturais são caracterizadas por sua **plasticidade**, pela **facilidade com que as representações carregadas pelas unidades que as compõem estão sujeitas a mudanças**. Polissemia e polirreferência são a regra geral entre os idiomas. Assim, uma única unidade pode ter vários significados diferentes e apontar para vários referentes diferentes. Em inglês, por exemplo, a palavra *greens* pode referir-se a bens comuns da cidade, vegetais folhosos ou membros de um partido político. Inversamente, unidades diferentes podem referir-se à mesma coisa, como ovas e caviar, ou hepatite e icterícia. Pode-se até afirmar que a sinonímia local (limitada a um determinado contexto) é o que torna possível parafrasear um termo ou frase usando outro. Assim, *refletir* pode ser parafraseado por “pensar” ou “espelhar”. A capacidade de construir equivalências é de fato uma propriedade fundamental da linguagem: equivalências entre termos (sinonímia) ou entre frases (paráfrase), mas também entre idiomas (tradução). Não existe uma relação biunívoca entre forma e significado, dentro de um idioma ou entre idiomas. Desse ponto de vista, a variação nas línguas (polissemia, sinonímia) ecoa a variação de idioma para idioma e levanta a questão de como é possível dizer “a mesma coisa” de maneira diferente.”

regulação e estabilização de significação. Isso significa que “language is the seat of tensions between opposing forces which can all be functionally justified”⁸ (ROBERT, 2008, p. 58).

É preciso considerar, por fim, que a significação/referência linguística é mediada por “usos linguísticos”, uma vez que unidades lexicais e/ou enunciados usados não são as entidades/os estados de coisas (dinâmicos ou não) do mundo biossocial ou imaginário. Expressões linguísticas materializadas na comunicação constituem mecanismos de apreender representações de uma realidade (qualquer que seja a configuração desta) que é sentida, percebida e/ou concebida com base numa rede complexa de relações, bem como elementos “vivos”, oriundos das capacidades linguísticas do falante de repetir e criar, no jogo complexo de forças de estabilidade e instabilidade, um jogo discursivo-pragmático, social e histórico, culturalmente situado.

Languages therefore show equivalency relations, although construals and reference constructions are extremely variable. (...) **To gain access to a same referent, languages construct variable reference pathways. (...) The variability of referential paths across languages, as well as inside a given language,** is due to a more general property of language, as claimed by cognitive linguistics, namely its **ability to “construe” a particular situation in different ways** (LANGACKER, 1991a⁹ *apud* ROBERT, 2008, p. 59).

Usos observados em pesquisa linguística revelam-se, então, medidas (discretas, segmentadas pelo pesquisador numa realidade complexa) de padrões construcionais (lexicais ou procedurais) que se podem apresentar estavelmente associados por similaridade/analogia num recorte semântico-conceitual, discursivo-pragmático, social, temporal, cultural.

⁸ “a linguagem é a sede de tensões entre forças opostas que podem ser justificadas funcionalmente”.

⁹ “As línguas, portanto, mostram relações de equivalência, embora *construals* e construções de referência sejam extremamente variáveis. (...) **Para obter acesso a um mesmo referente, as línguas constroem caminhos de referência variáveis. (...) A variabilidade dos caminhos referenciais entre as línguas, bem como dentro de uma determinada língua,** é devida a uma propriedade mais geral da linguagem, conforme reivindicada pela linguística cognitiva, ou seja, sua **capacidade de “interpretar/conceber” uma situação específica de diferentes maneiras.** (LANGACKER, 1991a)

O DESENHO DO ENVELOPE DA VARIAÇÃO DE PADRÕES CONSTRUCIONAIS NUMA METACONSTRUÇÃO

As variantes de uma área de sobreposição semântica/funcional, em que se prevê uma alternância/variação, são denominadas, segundo Cappelle (2006), como *allostructions* (aloconstruções), já que elas correspondem a possibilidades de representação configuracional/esquemática de uma (ou mais) propriedade(s)/atributo(s) de funcionalidade/significação. Por exemplo, o evento de transferência de posse, no inglês, pode ser viabilizado por duas estruturas (*the dative alternation*): *SN V SN SN (the ditransitive pattern)* ou *SN V SN SP (the oblique-goal pattern)*. O autor define *allostructions*, por analogia a *alofone* e *alomorfe*, como possibilidades alternativas – padrões construcionais em relação de variação – de uma unidade linguística parcialmente especificada: “variant structural realizations of a construction that is left partially underspecified”¹⁰ (CAPPELLE, 2006, p. 18).

Perek (2015) argumenta que se pode representar, na rede construcional, generalização de um significado comum (ou de uma zona de funcionalidade semântica, discursiva, pragmática, social ou cognitiva partilhada) entre dois ou mais padrões construcionais independentes. Tais padrões são, assim, associados a uma forma não específica (subespecificada), em razão de similaridades observáveis. Para sustentar a relação de associação entre construções, Cappelle (2006) argumenta que “duas” construções devem ser concebidas como ligadas mediante uma “metaconstrução”, constructo teórico-descritivo que capta o que essas construções apresentam em comum e uma (relativa) neutralização do que as diferencia/faz unidades diferentes.

Perek (2015) sugere a denominação *constructeme* (correspondente a metaconstrução)¹¹. A representação por metaconstrução e dos seus respectivos “links” de herança capta, de um lado, a semelhança entre padrões construcionais e abarca, de outro lado, nas *allostructions*, as especificações semântico-pragmáticas (e cognitivas e sociais) adicionais, bem como o tipo de informação funcional prototípico de cada aloconstrução. Em outras palavras, *metaconstrução* captura o nível de representação em que construções são funcionalmente equivalentes; e *aloconstrução* explicita exatamente como tais construções diferem (por quais

¹⁰ “Realizações estruturais de uma construção que é deixada parcialmente subespecificada” (CAPPELLE, 2006, p. 18).

¹¹ Perek (2015, p. 153) menciona que Cappelle também chama a generalização que envolve aloconstruções de *constructeme*.

valores de atributos). Assim, a modelagem por *metaconstrução com aloconstruções* apreende a relação entre similaridade e dissimilaridade (ou seja, de valores, nas construções, ligados a atributo(s) destas – semântico(s), pragmático(s), discursivo(s), social(is) ou cognitivo(s)).

Para exemplificar o alinhamento dos conceitos de aloconstrução e metaconstrução ao dos conceitos envolvidos na configuração do envelope da variação, valemo-nos dos resultados da pesquisa realizada por Silva, Fontenlos e Justen (2017), sintetizada a seguir.

Ao investigar a variação na flexão (singular ou plural) dos verbos modais *poder* e *dever* em locuções verbais constituídas de verbos principais transitivos diretos, as autoras examinaram dados do uso que instanciassem o padrão construcional [V_{auxiliar} V_{Transitivo Direto} + SE_{Apassivador/Indeterminador de Participante} SN]. Então, categorizaram constructos/ usos reunidos na amostra que estivessem vinculados a estes dois padrões construcionais: (1) [V_{aux singular/plural} V_{TD} + SE_{Apass./Indet. de Part.} SN_{Não-ativo singular/plural}] e (2) [V_{aux singular} V_{TD} + SE_{Indet. de Part.} SN_{Não-ativo singular ou plural}]. Com o primeiro, tencionaram captar a possibilidade de variação na flexão em sintonia com SNsingular ou SNplural; com o segundo, procuraram representar a estabilidade da flexão verbal singular, estando o SN quer no singular quer no plural¹². São os constructos licenciados por esses padrões construcionais que herdam propriedades da construção mais esquemática [V_{auxiliar} V_{Transitivo Direto} + SE_{Apass./Indet. de Participante} SN_{não-ativo}]:

Ex. 1 “Com isso, ***podem-se analisar*** também as tendências do jornalismo científico capixaba no que diz respeito à valorização de setores da ciência e do uso da linguagem para se falar de pesquisa.” (www.jornalismocientifico.com.br/revista/01/artigos/artigo1.asp) (1)

Ex. 2 “Diferente do modo convencional, ***pode-se explorar*** muitas ideias relacionadas a números. Ao brincar as crianças enfrentam desafios e problemas, buscando soluções para resolvê-los.” (https://jornalhoraextra.com.br/.../4658-brincar-e-importante-para-desenvolvimento-das-crianças, 11 de out de 2017) (2)

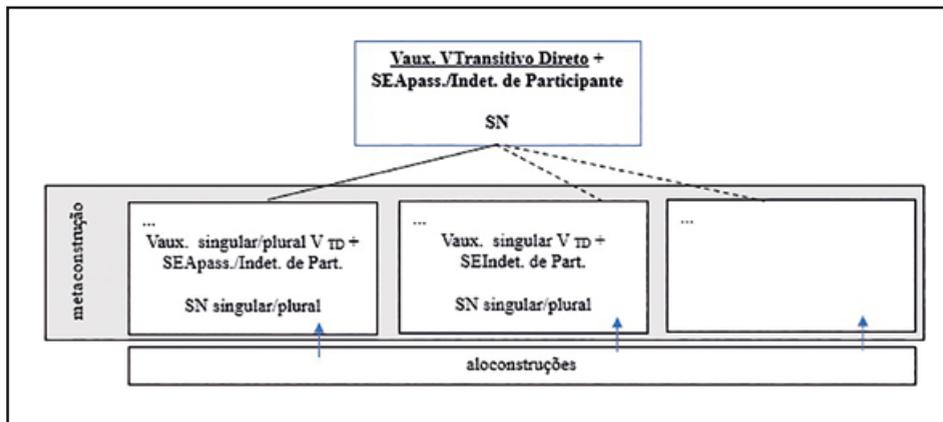
¹² “(...) o argumento único do predicado na construção impessoal se comporta como Sujeito real: além de ocupar uma posição destinada ao Objeto, nem sempre se mantém a codificação morfossintática que regula o comportamento nominativo desses SNs. Cria-se, assim, uma espécie de voz ativa impessoal indeterminadora, em que o argumento Paciente não recebe função de Sujeito, cuja posição fica marcada formalmente pela presença do clítico se” (CAMACHO, 2000, p. 218).

Ex. 3 “No caso de não surtir efeito, pode-se acionar a Justiça para pleitear a indenização por danos morais.” (<http://www.gazetadopovo.com.br/justica/cobrar-dividas-de-forma-abusiva-e-ilegal-e-pode-ate-dar-cadeia-cp53kyqsud8x5r8oag2qblfg1>) (1) ou (2)

No exemplo 1, o verbo poder está no plural acompanhando o número do SN (“as tendências do jornalismo científico capixaba”), o que nos leva a cogitar de uma relação entre esse enunciado e o padrão construcional (1) – referido em parágrafo imediatamente antes dos exemplos. Já no exemplo 2, está no singular, não acompanhando o número do SN “muitas ideias relacionadas a números”, o que nos faz supor uma relação entre esse enunciado e o padrão construcional em que o verbo fica sempre no singular (padrão construcional 2). Por fim, no exemplo 3, está no singular, acompanhando o número do SN “a Justiça” ou não, o que nos faz suspeitar da possibilidade de o enunciado se caracterizar como licenciado pelo padrão construcional (1) ou pelo padrão construcional (2).

Entre suas generalizações sobre estratégias para assinalar opacificação/(des) focalização de um participante por impessoalização discursiva (e, assim, não perfilar um participante – no caso, indutor/trajetor do estado de coisas, agente/causador/força/experienciador –, tornando-o implícito e voltando o foco para o evento/estado em si e/ou outro participante – o SN não-agentivo/não-indutor, meta/marco – na proposição), o Português possui a variação por similaridade configuracional entre certas expressões que instanciam padrões construcionais de uma construção mais esquemática de predicação verbal pessoal com pronomes SE passivador/indeterminador de participante. No discurso científico, podemos encontrar constructos de dois padrões gramaticais, um com concordância (verbo e SN_{Não-agentivo} sujeito) e outro com verbo sem concordância (verbo sempre no singular). Representamos essa variação por semelhança configuracional (em que os padrões revelam partes estáveis e atributos similares, até por causa da relação de herança por subparte a que se submetem, e atributos diferentes) no esquema 1, a seguir:

Esquema 1: Representação de aloconstruções e metaconstrução¹³



No esquema (1), representamos a construção $[V_{\text{aux.}} V_{\text{Transitivo Direto}} + SE_{\text{Apassivador/Ideterminação de Participante}} SN]$, na parte superior, nível mais abstrato, isto é, mais esquemático, que gera, no Português Brasileiro, possibilidades (alternâncias) de realizações linguísticas:

- i) com item verbal auxiliar com flexão moldada pelo número do SN a que se conecta sintaticamente a locução verbal ou (mais ou menos) indiferente a este;
- ii) em configuração de estruturação passiva, com indeterminação de participante e com $SN_{\text{Não-agentivo}}$ sujeito, ou de estruturação ativa, com indeterminação de participante e com $SN_{\text{Não-agentivo}}$ complemento.

Elas são licenciadas por aloconstruções, que, no esquema 1, se apresentam como representações, ainda esquemáticas, de “possibilidades de realizações” com alta similaridade configuracional. Ambas aloconstruções partilham propriedades da construção mais esquemática ($[V_{\text{aux.}} V_{\text{Transitivo Direto}} + SE_{\text{Apassivador/Ideterminação de Participante}} SN]$), pois possibilitam leitura de indeterminação de participante envolvido no evento conceptualizado, sendo variantes/alternativas de expressão em alguns contextos de predicação, embora em outros possam não ser. Assim

¹³ O último retângulo no espaço em cinza, espaço de representação da metaconstrução, deixado apenas com reticências sinaliza que a construção mais esquemática, representada no topo do esquema, licencia outros padrões construcionais, que apenas não interessam à exemplificação em foco neste momento. A linha contínua indica uma ligação com um exemplar construcional (uma das aloconstruções) caracterizado como prototípico de $[V_{\text{aux.}} V_{\text{Transitivo Direto}} + SE_{\text{Apassivador/Ideterminação de Participante}} SN]$. A linha pontilhada indica que um padrão construcional viável (a outra aloconstrução) não é caracterizado prototipicamente como tal.

sendo, o conceito de variação liga-se à área de intersecção de ambas aloconstruções representadas pela área em cinza, a metaconstrução.

Pensando em alguns conceitos clássicos da Sociolinguística Variacionista (variante e variável), podemos alinhar: (a) aloconstruções como *variantes* e (b) metaconstrução, grosso modo, como significado referencial, função semântico-discursivo-pragmática, função/significação social, função cognitiva (de conceptualização)¹⁴ partilhado(a) ou *macrofunção* (uma espécie de “*arquifunção*”¹⁵) e, enfim, como *variável*¹⁶.

Assim, as variantes construcionais menos esquemáticas de impessoalidade discursiva (por indeterminação de participante) partilham uma parte significativa de seu significado/de sua configuração forma-função e, conseqüentemente, são estocadas no conhecimento linguístico como duas alternativas construcionais para a expressão de estados de coisas com a opacificação/(des)focalização de sua força indutora¹⁷ (agente, causador, força, experienciador; que, inclusive, pode coincidir com o enunciador). As variantes construcionais têm também, entre seus atributos, propriedades formais e funcionais apreendidas em tendências (estatísticas) correlacionadas a fatores-valores de atributos que governam a instanciação no uso de uma ou de outra: modalidade expressiva, grau de generalização da predicação, distância do SN da locução verbal e ordem daquele em relação a esta.

Dessa forma, as aloconstruções (*allostructions*) designam, então, os padrões construcionais variantes em si enquanto a metaconstrução é a nomenclatura usada para captar o espaço/domínio de generalização partilhado e configurado em uma área de representação abstrata da neutralização/opacificação das diferenças desses padrões. Esses construtos teóricos serão importantes para lidar com fenômenos variáveis e para a caracterização do envelope da variação como o aqui brevemente descrito, pois (i) o primeiro possibilita compreender generalizações sobre padrões construcionais que vão além das relações de instanciação e (ii) o segundo, metaconstrução, captura o que resulta de relações analógicas e do uso criativo na linguagem. Conforme Leino e Östman (2005) salientam, metaconstrução não pode confundir-se como um “nível” de padrão construcional

¹⁴ A depender da perspectiva de análise e descrição do objeto variável em foco (por exemplo, Sociolinguística; Sociolinguística e Funcionalismo; Sociolinguística e Cognitivismo).

¹⁵ Na linha de *arquifonema*, *arquimorfema*.

¹⁶ Variável dependente, na rodada multivariada (normalmente feita via Goldvarb X).

¹⁷ Indutor é uma nomenclatura acionada aqui para designar em sentido lato um dispositivo ativo ou passivo (neste segundo caso, como no mundo da elétrica).

mais abstrato, geral ou esquemático (“subesquema construcional” ou “meso-construção”), pois abrange não só semelhanças sistemáticas, mas também diferenças que ocorrem entre padrões construcionais; só que, ademais, representa o resultado de um processo de “neutralização/opacificação” dessas diferenças em razão de pensamento analógico. E esse resultado é uma generalização também estocada na mente do falante¹⁸.

Se lembrarmos que o usuário da língua produz enunciados/instâncias licenciados pelas construções no seu dia a dia – justamente o espaço em que há, em potencial, *matches* ou *mismatches* e *misundertandings*, bem como extensões de uso – e considerarmos que o faz com base em restrições e tendências estatísticas (ocorre-nos aqui a noção de “preempção estatística”, BOYD; GOLDBERG, 2011, e GOLDBERG; BOYD, 2015¹⁹), passamos, então, a configurar a noção de aloconstrução considerando ainda os parâmetros de produtividade e esquematicidade. Os padrões construcionais *variantes* que figuram numa metaconstrução podem ser condicionados por *variáveis independentes* (ou seja, “condicionamentos internos ou externos” na visão sociolinguística) aqui denominada(o)s de *atributos*, vinculadas às faces forma e função de uma construção. E isso nos remete ao “problema das restrições” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968). Com base no *know-how* já alcançado no âmbito da Sociolinguística Variacionista (em suas diferentes práticas teórico-metodológicas e analíticas), concebemos restrições sob duas perspectivas: geralmente, com base em *valores/fatores* de *atributos/variáveis independentes* que se materializam em tendências estatísticas de uso variáveis, porque abaixo de 100%, ou com base em *valores/fatores* de *atributos/variáveis independentes* que se materializam de forma categórica.

Tais noções (*atributo/variável independente, valor/fator, condicionamento variável/não-categórico ou condicionamento categórico*) passam a orientar

¹⁸ Além de generalizações sobre a existência independente das construções envolvidas nessa relação de similaridade.

¹⁹ GOLDBERG; BOYD (2015, p. 185): “**Statistical preemption** or “blocking” of a target form is the process of learning to avoid a potential target form because a competing form has been consistently witnessed instead in contexts in which the target form would otherwise have seemed appropriate. This is the widely accepted view of how children learn to avoid morphological overgeneralizations such as *goed: went* is consistently witnessed in contexts in which *goed* might have been expected to occur (Aronoff 1976; Kiparsky 1983). A number of researchers have proposed that statistical preemption is capable of scaling up to account for certain non-occurring syntactic formulations that have readily available competing alternatives (Ambridge et al. 2012, Brooks & Tomasello 1999, Goldberg 1995, Goldberg 2006, Goldberg 2011c, Payne et al. 2013, Poser 1992, Robenalt & Goldberg to appear)”.

a representação da formulação das expressões linguísticas no uso (variantes) e, então, precisam ser captadas na rede construcional. De acordo com Leino e Östman (2015), podemos representar, nas construções – que envolvem, na sua configuração, atributos –, o que é denominado pelos autores de “*value pool*” (valores de atributos), contando, para tanto, com um tratamento quali-quantitativo de dados, como na Sociolinguística.

Para ilustrarmos a correlação de atributos a fatores-valores na configuração de aloconstrução e metaconstrução, recorreremos aos resultados da investigação conduzida por Alves (2011), que analisou dados de predicação constituídos por predicadores simples (verbos plenos acompanhados de clítico SE) e predicadores complexos (construção com verbo suporte), conforme os exemplos:

*Ex. 4 “E quando ele viu o que Gabriel estava fazendo, **se desesperou**, dizendo.” [9º E.F, narração] – verbo pronominal*

*Ex. 5 “Luíza **ficou desesperada** e cada vez mais estava perto do fundo do poço, teve seu filho, e acabou na rua, pedindo esmola.” [9º E.F, narração] – perífrase com verbo suporte*

O processo de comparabilidade funcional entre verbo pronominal exemplificado no primeiro enunciado (*se desesperou, preocupar-se*), e predicadores complexos com verbo suporte e elemento não-verbal cognato a lexema verbal simples/pleno (*ficou desesperada, ter preocupação*) foi estudado por Alves (2011). A pesquisadora partiu de uma afirmação de Kato (1998, p. 233) de que, em decorrência de mudanças no quadro pronominal, os falantes tenderiam a um maior emprego de verbos leves (*ficar interessado*) como forma de evitarem o clítico SE dos verbos reflexivos inerentes (*interessar-se*). E também partiu da hipótese, com base em pesquisas de experiências de uso e de percepção/avaliação subjetiva de uso do projeto PREDICAR (entre as quais, ESTEVES, 2008), de que tal processo revelaria uma situação estável de alternância (variação construcional, no enfoque explorado neste capítulo) entre possibilidades estruturais relacionadas por similaridade de funcionamento na predicação de um estado de coisas, situação em que, segundo a autora, poderiam interferir (a) atributos/grupo de fatores formais (posição do predicador no período, estatuto do pronome SE, extensão silábica do predicador, posição do SN_{Não-agentivo}, por exemplo) e (b) atributos funcionais (relativos ao tipo de organização discursiva, à modalidade discursiva, à intenção do enunciador, ao ponto focal/proeminente na conceptualização de um estado de coisas, ao nível de escolaridade dos informantes, à caracterização semântica do estado de coisas e do participante SN_{Não-agentivo}, por exemplo).

Alves (2011) observou, entre as estruturas com verbos acompanhados de pronome SE, estruturas pronominais em que uma variante possível/virtual é a que envolve verbo suporte (geralmente, *ficar*, conforme exemplo 5, ou *ter*²⁰), como materializadas, respectivamente, nestes exemplos da amostra por ela examinada:

Ex. 6 “Quanto a cota racial não vale a pena nem discutir, sou totalmente contra, porque nem todo pobre é negro e nem todo negro é pobre, sem contar que o preconceito iria continuar existindo, pois imagina uma sala com 5% de negros, 2% de índios e todo resto de branco? Sem nenhuma dúvida os índios e os negros não **iriam se adaptar** e de nada valeria o sistema de cotas.” [3º ano E.M, dissertação] ~ {**teriam adaptação**}

Ex. 7 “Mas não podem afirmar como verdade absoluta, afinal não há somente uma sociedade com as mesmas regras e costumes onde há ou não oportunidades para a mulher **se destacar**.” [3º ano E.M, dissertação] ~ {**ter destaque, ser destacada**}

Segundo a autora, “o uso da forma simples não causa o mesmo efeito: a ênfase na ação praticada por outros se perde, pois a forma simples dá a impressão de que os próprios participantes/sujeitos que sofrem a ação são responsáveis por ela”. Isso pode ser percebido respectivamente nos excertos abaixo:

Ex. 8 “Os R\$ 0,20 foram a gota d’água. O copo e a nossa paciência transbordaram. As reivindicações **se nacionalizaram, se internacionalizaram**, tomaram conta das ruas, das redes sociais, dos jornais (mesmo a contragosto de alguns), do congresso, das conversas... (Protestos: a gota d’água, <http://democraciapolitica.blogspot.com/2013/06/protestos-gota-dagua.html>)

Ex.9 “Uma carreira acadêmica pode ser destruída por universidades ou governos com base no fato de que o conteúdo de um trabalho, seja real ou imaginado, é uma possível ameaça aos poderes existentes. Pode ter sido um programa de um curso ou o tema de uma dissertação supervisionada que tenha despertado a ira do Estado; ou talvez as posições políticas tomadas dentro ou fora dos muros da universidade – sindicalização, desmilitarização, oposição ao nacionalismo. Tais posições são distorcidas pelos censores e por aqueles com poder para destruir uma carreira e exilar um cidadão. As reais posições da pessoa são exageradas, demonizadas e objeto de sensacionalismo. Um apelo à democracia é interpretado como insubordinação; um pedido de paz **transforma-se** em uma aliança com o terrorismo; um pedido de liberdade é considerado um chamado à violência.” (A criminalização do conhecimento, <http://sxpolitics.org/ptbr/a-criminalizacao-do-conhecimento-por-judith-butler/8391>)

²⁰ “Neymar **teria adaptação** mais fácil no Real Madrid, analisa Ledio Carmona.” (<https://www.sidrolandianews.com.br/noticia/brasil/neymar-teria-adaptacao-mais-facil-no-real-madrid-analisa-ledio-carmona>).

Uma particularidade a destacar quanto ao alinhamento entre a noção de fatores/variáveis independentes e a de valores/atributos consiste no fato de que a noção deste constructo teórico, diferentemente da noção de condicionamento/restrrição, engloba, ainda, a potencialidade de ele atuar com força de coerção²¹, e não só com forças de atração/repulsa e restrição²². Cada uma dessas possibilidades de forças atuantes terá de ser considerada na investigação socioconstrucionista, a depender de como se configure o fenômeno variável em pauta²³.

Em linhas gerais, o mapeamento dos padrões construcionais/aloconstruções que viabilizam opacificação/(des)focalização de participante e/ou impessoalização discursiva leva-nos à identificação de padrões construcionais que, por um lado, podem ser associados, por similaridade, em termos do estado de coisas que conceptualizam e, por outro lado, diferem em termos de como predicador e participantes são perspectivados e perfilados na configuração linguística do estado de coisas²⁴. Assim, pesquisas (como as citadas) consideram²⁵ a potencialidade

²¹ “Coercion is achieved by imposing the application of a construction even though not all its criteria are satisfied” (STEELS, 2013, p. 167). Coerção é um tipo de força de acomodação ou reinterpretção contextual impulsionada pela necessidade de resolver/reconciliar uma combinação semântica parcial, discrepante ou em conflito (um *mismatch*) entre uma unidade construcional e outra mais esquemática.

²² Ao leitor interessado sobre o assunto, indicamos a leitura de Wiedemer e Machado Vieira (2018b).

²³ E, com base nesse aspecto, já se antecipa uma diferença entre Sociofuncionalismo e Socioconstrucionismo (cuja comparação procuramos esboçar adiante neste capítulo). De certo modo, podemos dizer que aquela perspectiva põe em evidência as forças de atração/repulsa e restrição na análise da coatução de variáveis sobre usos variáveis ou (semi)categoricos (LABOV, 2003; segundo o qual haveria regras linguísticas *variáveis/com* frequência na faixa de 5% a 95%, *semicategoricas/com* 95%-99% de frequência e *categoricas/com* 100% de aplicação), e não as forças de coerção de uma representação (sub)esquemática e/ou de compatibilização, também atuantes na língua segundo a concepção construcionista.

²⁴ Há sempre uma tensão de forças que coatuam quando se concebe variação construcional em moldes multidimensionais e multifatoriais. “Ser um conceito multifatorial significa que a voz verbal representa um grande número de valores e de possibilidades correspondentes de expressão que, segundo Givón (1981, 1994), envolvem três domínios funcionais: a) topicalidade: atribui-se a função de Tópico a um argumento não-Agente; esse comportamento é oposto ao da sentença ativa correspondente, em que o Tópico é comumente o Sujeito/Agente; b) impessoalidade: suprime-se a identidade/presença do argumento Agente, geralmente o Sujeito expresso da sentença ativa; c) detransitividade: a construção de voz é semanticamente menos “ativa”, menos transitiva, mais estativa que a construção “ativa” correspondente” (CAMACHO, 2000, p. 216).

²⁵ Além de Alves (2011), outro estudo sobre passivas (em curso no mesmo projeto de pesquisa – Projeto PREDICAR –, mas agora sob um olhar socioconstrucionista) é o de MACHADO

de variação construcional entre, por exemplo: (i) o padrão de passiva sintética sem perfilamento de indutor/trajetor (agente, causador, força, experienciador), na verdade, com a suspensão deste; (ii) o padrão de passiva analítica sem perfilamento de indutor (agente, causador, força, experienciador) ou com perfilamento de indutor por meio de marcas de indefinição/opacificação de seu referente; (iii) o padrão de estrutura ativa com perfilamento de indutor por meio de mecanismos de indefinição/opacificação de seu referente. Por exemplo:

(i)

Ex. 10 “Foi só a partir da afirmação do poder local democrático que **nas diversas localidades disseminadas pelo território nacional se rasgaram caminhos, pavimentaram-se quilómetros de vias, quebrou-se o isolamento de populações, eletrificaram-se aldeias, distribui-se a água, implantou-se o saneamento, edificaram-se pontes, construíram-se escolas, colocaram-se a funcionar bibliotecas, museus, pavilhões, piscinas, multiusos, centros de dia, multiplicaram-se associações, enfim sobreveio um pulsar vigoroso da sociedade portuguesa.** (O pelouro da diáspora nas autarquias, <http://www.palopnews.com/index.php/home/99-noticias-gerais/2415-o-pelouro-da-diaspora-nas-autarquias>)

(ii) a

Ex. 11 “Como sabemos, os verdadeiros pontos de vista políticos pelos quais **os académicos são punidos** são aqueles direcionados para as políticas de um governo ou para uma universidade que tenha práticas injustas, formas de exploração, que use serviços de segurança e vigilância para acabar com questionamentos abertos e discussões públicas, ou uma universidade que tenha vínculos com interesses de Estado ou interesses corporativos resultando em um controle do corpo docente.”. (Sinalização de trânsito é retirada na DF 079, <http://sxpolitics.org/ptbr/a-criminalizacao-do-conhecimento-por-judith-butler/8391>)

(ii) b

Ex. 12 “Agentes de trânsito colocaram sinalizadores para evitar o congestionamento, mas **foram retirados por alguém**” (Sinalização de trânsito é retirada na DF 079, <http://www.jornaldebrasil.com.br/conteudo-tv-record/sinalizacao-de-transito-e-retirada-na-df-079/>)

(iii)

Ex. 13 Quando os ventos da mudança sopram **alguns constroem muros. Outros constroem moinhos de vento.** O goleiro Ricardo Prasel parou de jogar precocemente sofrendo com dores crônicas no quadril e achou que nunca mais alcançaria o estrelato através do espor-

VIEIRA, SANTOS; KROPF (2019). Vale ressaltar, ainda, que Alves (2011) atesta a viabilidade da comparabilidade funcional entre passiva sintética e passiva analítica com base em testes de avaliação subjetiva.

te. (<https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/esporte/2017/08/25/ex-goleiro-do-chelsea-paranaense-vira-peso-pesado-no-mma-e-sonha-com-ufc.htm>)

Na projeção que fazemos quanto à configuração dessa rede complexa de padrões construcionais de predicação para pôr em evidência passividade, cogitamos, inclusive, de outras possibilidades de pareamento, como o que licencia estruturas semelhantes à que destacamos no excerto abaixo (com “sofrer”, [sofrer SN]_{predicador complexo}):

Ex. 14 “Vamos ponderar a diferença entre liberdade acadêmica e direito de expressão política, que, como Joan Scott deixa claro, não são a mesma coisa. A liberdade acadêmica pertence ao corpo docente de uma universidade que foi nomeado para ensinar, buscar e produzir conhecimento. A expressão política é o direito do cidadão de expor seu ponto de vista político da maneira que quiser. As duas coisas convergem quando acadêmicos que falam em espaços “extramuros” sofrem retaliação ou punição dentro da universidade ou são ameaçados de perder seus cargos.” (A criminalização do conhecimento, <http://sxpolitics.org/ptbr/a-criminalizacao-do-conhecimento-por-judith-butler/8391>)

O DESENHO DO ENVELOPE DA VARIAÇÃO DE (CO)LEXEMAS EM *SLOT* CONSTRUCIONAL

Outra situação linguística é a que enseja (i) variação de *colexemas* (collexemes²⁶) por força de atração de certas unidades linguísticas a um *slot* construcional ou (ii) variação de lexemas por força de coerção da construção sobre as formas que são acionadas para preenchimento do *slot* construcional²⁷. No primeiro tipo, as possibilidades de preenchimento atraídas ao *slot* na construção partilham propriedades formais e/ou funcionais. Por isso, são rotuladas de *colexemas*. *Colexemas* são unidades lexicais funcionalmente compatíveis com o significado construcional. No segundo tipo, as unidades assumem uma certa configuração formal e/ou funcional similar ao de outras unidades (mais atraídas, porque compatíveis como as do primeiro tipo) por força de imposições advindas da construção. As

²⁶ Palavras que são atraídas para uma construção particular são referidas como *colexemas* dessa construção (STEFANOWITSCH & GRIES, 2003, p. 214–215).

²⁷ A título de ilustração, vale lembrar que o verbo “ser” é normalmente o verbo mais atraído para o *slot* construcional de verbo auxiliar de voz passiva, embora outros verbos (*estar*, por exemplo) possam ser “forçados” a figurar nele com esse papel. Por exemplo, “são obrigados a aguentar a falta de educação desses “princesas” e “príncipes” que *estão criados por* pais que não respeitam professores (...).” (<https://jovempan.uol.com.br/arquivo/marilena-chauai-afirma-que-quem-defende-familia-e-uma-besta.html>)

do segundo tipo são, por sua vez, referidas como *lexemas*. Em outras palavras, a um *slot* construcional podem-se compatibilizar: (i) unidades com similaridade formal-funcional, isto é, alternativas atraídas pelo *slot* categorial/*colexemas* e, então, mais esperadas em razão das condições de preenchimento implicadas por ele e, naturalmente, de inclinações de uso numa comunidade; e (ii) unidades menos ou não sintonizadas às condições do *slot* categorial e, então, não ou menos atraídas pelo *slot/lexemas*, que, por força de coerção advinda da construção, são forçadas a se alinharem formal e funcionalmente às mais frequentemente compatibilizadas em tal *slot* e, então, passam a atuar como alternativas a essas. Os (co)lexemas podem revelar-se, então, como variantes de uma *variável dependente/um slot construcional*, que conta com restrições/condicionamentos de preenchimento.

Já é sabido na literatura construcionista que a compatibilização funcional não é o único fator que afeta a relação entre *lexemas* e *slots* construcionais. Outro fator é, sem dúvida, sua frequência de uso, seu entrincheiramento na memória. Entendemos que a experiência de uso numa comunidade também influencia a relação/associação entre unidades lexicais e construção cognitivamente rotinizada e estocada para facultar propósitos sociocomunicativos de conceptualização e expressão no mundo.

Sobre o assunto, Hilpert (2014) sugere que a análise de (co)lexemas e sua relação com a construção nos permite alcançar a percepção de que o significado de uma construção tende a se harmonizar com os significados dos elementos lexicais que normalmente ocorrem nela. Dessa forma, podemos compreender que a variação a partir da atuação das propriedades (de preenchimento) do *slot* construcional, seja por força de coerção, seja por força de atração/repulsa de *lexemas* em razão da produtividade/rotinização do uso na construção, seja por força de restrição.

Por exemplo, retomando a pesquisa de Alves (2011), nem sempre determinados *lexemas* podem ocorrer nas duas variantes construcionais, pois podem existir algumas combinações de verbos instrumentais/gramaticais às quais há restrição; ou, ainda, a ordenação pode restringir a seleção de *lexemas* para os *slots* envolvidos na construção, o que nos permite enxergar a variação em conjunto com a relação entre *lexema* e construção gramatical. Observando, por exemplo, os usos verbais envolvidos na amostra de dados investigada pela autora, percebe-se que o maior número de perífrases ocorre com os itens *estar* (8%, 22/260), *ser* (30%, 78/260) e *ficar* (33%, 87/260), de um total de 260 ocorrências de perífrases analisadas (além de perífrases verbo-nominais envolvendo também outros itens

verbais, como “*ter*”, “*sofrer*”, “*tomar*”, “*levar*”). Além disso, o verbo *ser* aparece como auxiliar de passiva analítica; o verbo *estar* aparenta funcionalidade típica do verbo instrumental em predicados nominais (verbo relacional, conforme descrevem PAVÃO; MACHADO VIEIRA, 2013), que Ranchhod (1990) classifica como verbo-suporte e Dik (1997) rotula de verbo cópula suporte. E *ficar* também se alinha a membros das categorias de verbo suporte e verbo auxiliar de passiva; ademais se compatibiliza normalmente em padrões de construção predicativa relacional que implicam ou mudança de estado ou mudança de propriedade (conforme descrito por FERREIRA, 2019). Os resultados do estudo sociofuncionalista de Alves (2011) oferecem-nos indícios, conforme já apontamos, de que o significado de uma construção tende a se harmonizar com os significados dos elementos que normalmente ocorrem nela (*ser*, *estar* e *ficar* são (co)lexemas em variação no *slot* destinado a verbo auxiliar de voz passiva); daí a necessidade de se investigar a relação entre lexemas e construções.

Assim, em contraste à abordagem discursivo-funcional ou ao Sociofuncionalismo, que têm focado suas pesquisas nas “diferenças” de ordem funcional entre diferentes padrões de usos, no modelo assumido aqui as propriedades formais e funcionais são vistas a partir de concepção de pareamento forma-função/significado, em que a natureza do relacionamento dos diferentes atributos abarcados por esses dois polos se torna importante para a investigação.

Além disso, Gries e Stefanowisch (2004) destacam que, na abordagem da Gramática de Construções, por exemplo, Goldberg (2002) toma a “alternância” como uma espécie de “paráfrase parcial” quando usada com certos itens lexicais e mostra “that a construction containing a given verb shares more semantic and syntactic properties with constructions of the same kind containing different verbs than with the other construction of the alternating pair containing the same verb”²⁸. Porém, para os autores,

In the context of alternating pairs, a focus on constructional semantics and semantic compatibility raises several questions: first, what exactly are the (often seemingly tenuous) semantic differences between the members of such a pair; second, how productive is the ‘alternation’ in actual usage, i.e. which verbs/nouns occur freely in both constructions, and which have strong biases towards one of them; and third, is a constructional, non-derivative approach plausible given the answers to the first two questions. We believe that a method that extends the notion of distinctive collocates in the context of our

²⁸ “que uma construção contendo um verbo compartilha mais propriedades semânticas e sintáticas com construções do mesmo tipo contendo diferentes verbos do que com a outra construção do par alternado contendo o mesmo verbo”.

previously proposed ‘collostructional analysis’ may provide answers to these questions.²⁹ (GRIES; STEFANOWISCH, 2004, p. 99).

O DESENHO DO ENVELOPE DA VARIAÇÃO: UM PANORAMA GERAL E POTENCIALIDADES FUTURAS

Voltando ao caso da construção [predicação verbal com desfocalização/opacificação da força indutora do estado de coisas (dinâmicos ou não)], vista na seção anterior, podemos categorizar os dados a partir também da observação do verbo predicador/da sua natureza acional (dinâmica ou não) em relação com o padrão construcional de predicação configurado quanto à voz (passiva ou ativa) e, então, considerar também a construção de predicação verbal na voz ativa de relativa (des)focalização/opacificação dessa força indutora conforme a seguir:

Ex. 15 [SN_{Part2} [V_{aux. de.voz passiva} V_{auxiliado}]_{predicador verbal complexo} (por SN_{Part1 genérico})]_{predicação verbal com desfocalização/opacificação da força indutora}

“Na sentença, o juiz Diógenes Luiz de Almeida Rodrigues afirmou que **foram criados** cargos comissionados para atribuições meramente técnicas e operacionais, como administrador regional, consultor jurídico especial do Procon, superintendente da Guarda Civil Metropolitana e assistente comunitário. (01 DE SETEMBRO DE 2017 <https://www.revistaforum.com.br/do-dcm-doria-nomeia-na-sua-equipe-prefeito-condenado-por-corrupcao/>)

Ex. 16 [Predicador verbal_{simples ou complexo} -SE_{indeterminador de Participante1} SN_{Part2}]_{predicação verbal com desfocalização/opacificação da força indutora}

“Nas subcomissões que brotaram aqui e acolá, **criaram-se** cargos às dezenas, teimou-se em revisitar a morte de JK e Jango, descobriram-se...” (27 de fev de 2014 <https://oglobo.globo.com/cultura/ditadura-reloaded-11725856>)

“Projeto de Lei Complementar 12 de 06 de Junho de 2017, que dispõe sobre criação de vagas e cargos no Quadro de Pessoal da Prefeitura Municipal de Senador Amaral e dá outras providências: **criou-se** cargos na Secretaria de Educação;” (14 de julho de 2017 | Ano

²⁹ “No contexto de pares em alternância, o foco na semântica construcional e na compatibilidade semântica levanta várias questões: primeiro, quais são exatamente as diferenças semânticas (muitas vezes supostamente tênues) entre os membros desse par; segundo, quão produtiva é a ‘alternância’ no uso real, ou seja, quais verbos/substantivos ocorrem livremente em ambas as construções e quais têm fortes vieses/propensões em relação a uma delas; e terceiro, é plausível uma abordagem construcionista não derivada, dadas as respostas para as duas primeiras perguntas. Acreditamos que um método que amplia a noção de colocações distintas no contexto de nossa ‘collostructional analysis’ previamente proposta pode propiciar respostas para essas perguntas”.

10 | Edição 296 | Distribuição gratuita http://www.jornalgazetadovale.com.br/wp-content/uploads/2017/07/gazetadovale_edicao296.pdf

Ex. 17 [SN_{Part1} genérico] **Predicador verbal** SN_{Part2} simples ou complexo predicação verbal com relativa (des)focalização/opacificação da força indutora

“Vagas PCD / PNE???” **Criaram** uma nova função profissional????” (título de um texto publicado em 1 de fevereiro de 2016; <https://pt.linkedin.com/pulse/vagas-pcd-pne-criaram-uma-nova-fun%C3%A7%C3%A3o-profissional-claudemir>)

Nos três exemplos, encontram-se predicacões cujo predicador é uma forma do lexema “criar”. Neles, vemos materializados três padrões construcionais diferentes de predicação verbal com (des)focalização/opacificação de força indutora, que se atualizam no discurso/texto no intuito de, em alguma medida, “tirar de cena” o participante (força indutora) envolvido na predicação da proposição/estado de coisas conceptualizada(o):

(i) um padrão construcional de predicação em que o verbo predicador se materialize na forma de uma locução verbal que sinalize o caráter passivo do participante $SN_{Participante2}$ bem como a opacificação do participante 1 (força indutora), mesmo que este seja expresso por forma pronominal de valor indefinido ou por expressão de conteúdo genérico – [SN_{Part2} $[V_{aux. de.voz passiva} V_{auxiliado}]$ predicador verbal complexo (por SN_{Part1} genérico)] predicação verbal com desfocalização/opacificação da força indutora – (ex. 15) “foram criados cargos comissionados”;

(ii) um padrão construcional de predicação em que o verbo predicador se materialize na forma de verbo simples (flexionado ou não segundo o número do $SN_{Participante2}$) ou complexo (com verbo auxiliar também flexionado ou não) acompanhada de pronomes clíticos SE (apassivador/indeterminador do $SN_{Participante2}$) e, com essa formulação, sinalize o caráter passivo do participante $SN_{Participante2}$ bem como a opacificação do participante 1 (força indutora), e, então, suspenda o $SN_{Participante1}$ – [Predicador verbal SN_{Part2} simples ou complexo -SE indeterminador de Participante1] predicação verbal com desfocalização/opacificação da força indutora – (ex. 16) “criaram-se cargos” e “criou-se cargos”³⁰;

(iii) um padrão construcional de predicação em que o verbo predicador se materialize na forma de verbo simples (flexionado na terceira pessoa do plural) ou complexo (com verbo auxiliar também flexionado na terceira pessoa do plural) acompanhado ou não de $SN_{Participante1}$ expresso por forma pronominal de valor indefinido ou por expressão similar de conteúdo genérico e, com essa formulação, sinalize a opacificação do participante (força indutora) $SN_{Participante1}$ embora, agora, com (algum) foco, já que a atenção se volta para o

³⁰ e, ainda, embora não estejam no exemplo, constructos como “podem-se criar cargos” ou “pode-se criar cargos”.

evento em si, para a ação/causação/indução (de “criar”) e o indutor/trajetor é perfilado – [(SN_{Part1} genérico) Predicador verbal_{simples ou complexo} SN_{Part2}] predicação verbal com relativa desfocalização/opacificação da força indutora

Podemos representar o espaço de variação construcional na rede construcional com base no mapeamento geral da relação de alinhamento funcional desses padrões conforme a seguir:

Esquema 2: Representação de aloconstruções na metaconstrução, configurada segundo valores mais produtivos dos atributos dos polos formal-funcional/do sentido.

		Predicação verbal com desfocalização/opacificação da força indutora do estado de coisas (dinâmicos ou não)		
		Aloconstrução 01	Aloconstrução 02	Aloconstrução 03
Metaconstrução		[SN _{Part2} [V _{aux.voz} V _{auxiliado}]predicador verbal complexo (por SN _{Part1} genérico)] <i>foram criados</i>	[Predicador verbal _{simples/complexo} SE _{indeterminador de Participante1} SN _{Part2}] <i>criaram-se / criou-se</i>	[Predicador verbal _{simples ou complexo} SN _{Part2}] <i>criaram</i>
		ATRIBUTOS – POLO DA FORMA		
	Posição do predicador na oração (+/- inicial)	Posição não-inicial	Posição não-inicial	Posição não-inicial
	Posição do SNparticipante 1	quando não omitido, posposto ao predicador verbal	posição suspensa	quando não omitido, anteposto ao predicador verbal
	Posição do SNparticipante 2	anteposto ao predicador verbal	posposto ao predicador verbal	posposto ao predicador verbal
		ATRIBUTOS – POLO DO SENTIDO		
	Perfilamento do SNparticipante 1	normalmente, sem perfilamento; quando não omitido, perfilado indiretamente por SP contendo SN pleno genérico/de conteúdo indefinido, sem foco	perfilado indiretamente por pronome SE, sem foco	perfilado indiretamente por morfema gramatical de 3ª pessoa do plural no predicador (e, às vezes, por SN pleno genérico/de conteúdo indefinido), sem foco
	Perfilamento do SNparticipante 2	perfilado com foco	perfilado com foco	perfilado com algum foco, especialmente quando o SNparticipante 1 é omitido

É claro que os fatores dos atributos apreendidos nos padrões construcionais sugeridos³¹ não explicam diretamente todas as diferenças ou similaridades entre

³¹ Com base em investigação sobre a temática em curso no Projeto PREDICAR – Formação e

as construções. Reforça essa ideia o fato de que ainda vai atuar fortemente no recurso a um ou a outro padrão construcional para a efetivação da (des)focalização/opacificação do participante força indutora o *paradigma discursivo* (idealizado por WIEDEMER; MACHADO VIEIRA, 2018a, com inspiração em “padrão discursivo/*discursive pattern*”³² em LEINO; ÖSTMAN, 2005).

Muito resumidamente, podemos relacionar, com base em resultados de pesquisa (em andamento no Projeto PREDICAR), o segundo padrão construcional, [Predicador verbal_{simples ou complexo} -SE_{indeterminador de Participante} SN_{Part2}] predicação verbal com desfocalização/opacificação da força indutora, como mais fortemente atraído para esse tipo de predicação quando a conceptualização de estados de coisas se dá no domínio acadêmico e, em geral, em certos gêneros relativamente estáveis como artigos científicos, teses e dissertações.

É necessário investir na relação entre contextualidade e a atualização de (certos) padrões construcionais e (certos) lexemas na construção do sentido. Afinal, há atributos discursivos e pragmáticos que vão influir no maior ou menor acionamento (ou até não acionamento) de certos padrões e até de funcionalidades/significados deles. De acordo com Mackiewicz e Riley (2003, p. 84):

Briefly defined, pragmatics is the branch of linguistics concerned with how language use and interpretation are affected by specific contexts. Context includes variables such as the identity of the speaker and listener (for example, their relative social status), the speaker’s intent in producing a particular utterance (for example, whether the speaker is trying to inform or to persuade), and the linguistic conventions associated with particular intents (for example, the various ways in which requests are typically phrased).³³

expressão de predicados complexos: estabilidade, variação e mudança construcional, cujos primeiros dados relativos ao Português de Portugal já resultaram no artigo: MACHADO VIEIRA, SANTOS; KROPF (2019).

³² Leino e Östman (2005) valem-se da noção de “padrão/paradigma discursivo”. Segundo os autores, “A discourse pattern is the cognitive correlate of the linguistically defined *text type*, and the socioculturally defined *genre*. Understanding of text and discourse takes place primarily in terms of discourse patterns” (p. 200). “Padrão/paradigma discursivo” alinha-se a enquadre – Semântica de Frame – e é concebido para ser invocado por construção.

³³ “Resumidamente definida, a pragmática é o ramo da linguística preocupado com o modo como o uso e a interpretação da linguagem são afetados por contextos específicos. Contexto inclui variáveis, tais como a identidade do falante e do ouvinte (por exemplo, seu status social relativo), a intenção do falante em produzir um enunciado particular (por exemplo, se o falante está tentando informar ou persuadir), e as convenções linguísticas associadas a intenções particulares (por exemplo, as várias formas em que os pedidos são tipicamente fraseados”.

Goldberg (2016) já chama a atenção para a relação entre contextualidade e composicionalidade, destacando que o significado/a funcionalidade de expressões pode reconfigurar-se a depender do contexto em que elas se inserem/instauram.

Por agora, vislumbramos o paradigma teórico-metodológico aqui sinteticamente esboçado para o tratamento da variação de aloconstruções associadas em metaconstrução e (co)lexemas em *slot* construcional, cuja heurística, naturalmente, ainda carece de aprofundamento, principalmente, no que concerne aos métodos de análise de colocação construcional. Para isso, nossos esforços e próximos passos se concentram no aprofundamento do estudo da associação, por um lado, entre construções gramaticais e unidades lexicais³⁴ e, por outro, entre lexemas, construções gramaticais e paradigma discursivo, com a seguinte agenda de tópicos de pesquisa:

- a) Investigar a relação entre os itens lexicais e a construção gramatical – modelar o cálculo para n palavras e o quão fortemente essas palavras são atraídas para um *slot* em uma construção;
- b) Averiguar o contraste entre duas ou mais construções no que diz respeito aos itens lexicais que ocorrem nelas, ou seja, comparar construções que são aproximadamente sinônimas – modelar o cálculo para n palavras e o quão fortemente essas palavras são atraídas para duas ou mais construções funcionalmente semelhantes e, assim, traçar o perfil de relação lexemas-construções;
- c) Examinar o grau de dependência entre itens lexicais que ocupam dois *slots* diferentes dentro de uma mesma construção – modelar o cálculo para n palavras em um *slot* de uma construção e o quão fortemente unidades lexicais são atraídas para um *slot* por conta da influência de unidades em outro *slot* da mesma construção;
- d) Pesquisar a relação entre lexemas, construções e paradigma discursivo – modelar o cálculo de n palavras e/ou padrões construcionais e o quão fortemente esses elementos são atraídos para um paradigma discursivo e não outro.

Entre as vias de tratamento estatístico nos materiais reunidos, destacamos uma que permite lidar com a possibilidade de significados mais ou menos similares de certos lexemas (*colexemas*): a verificação de colocações lexicais (*collocational*

³⁴ Conforme empreendido por Ferreira (2019).

analysis). Nesse sentido, *corpora* podem ser explorados para tratamento estatístico de lexemas, em *slots* construcionais. E a avaliação de similaridade entre unidades lexicais pode enveredar pela escala de *prototipicidade* e/ou escala de *semelhança familiar* como referência para a generalização sobre as unidades lexicais que podem preencher o *slot* construcional. No primeiro caso, o exame leva à delimitação de: membros exemplares/mais centrais da categoria (com similaridade à configuração do protótipo implicada pelas condições/propriedades para preenchimento do *slot* construcional), membros intermediários e membros periféricos (efeitos do protótipo, com poucos traços em comum com a configuração característica do núcleo da categoria/do protótipo). No segundo, o exame leva ao mapeamento de zonas de sobreposição/mesclagem (metafórica ou não) na avaliação estatística por parte do falante dos atributos dos membros da categoria.

O DESAFIO DE OPERACIONALIZAR UMA ANÁLISE DE VARIAÇÃO CONSTRUCIONAL

Traçar um desenho metodológico de partida para lidar com as possibilidades aqui aventadas num modelo socioconstrucionista de pesquisa não faria jus à dinamicidade e à plasticidade da rede de construções que configura um sistema linguístico. De todo modo, começamos a pensar a respeito de como direcionar nossas próprias investigações nesse modelo e vamos, então, esboçar um percurso que até então nos ocorreu.

Nesse percurso, o tratamento da variação construcional pode alcançar duas grandes vertentes: (i) uma que lide com o caráter da variação como atrelado a sentido referencial ou sócio-discursivo-pragmático; e (ii) uma que lide, efetivamente, com o caráter polifatorial (com propriedades de atributos) e polidimensional (com atributos diversos) de ambas as faces (forma-função/significação). E, então, pode chegar a operar, mediante introspecção e empiria, com as noções de prototipicidade, similaridade configuracional, semelhança simbólica e com processos cognitivos gerais (analogia, (re)combinação ou neoanálise), que envolvem gradualidade e se sujeitam a reconfiguração a cada atividade discursiva situada.

No percurso, consideramos, ainda, a possibilidade de compatibilização de abordagens metodológicas num estudo socioconstrucionista: método observacional/etnográfico, método experimental; método introspectivo e método empírico. Afinal, conforme a observação de Talmy (2014, p. xi), nenhuma metodologia deve ser super ou subestimada no processo de investigação, uma vez que cada uma lhe confere um perfil e tem capacidades e limitações.

Para desenvolver um estudo socioconstrucionista, cogitamos de uma configuração de condições, materiais, processos e procedimentos de trabalho analítico, entre os quais estão os que passamos a listar, sem, neste capítulo, entrar no detalhamento³⁵. Com isso, prevemos procedimentos³⁶ como:

- Desenho de uma variável de construções e/ou (co)lexemas para análise, com base numa configuração da face de significação/função (a) que não se limite a funcionamento semântico nem à condição de identidade semântica/sinonímia (em sentido restrito) e (b) que contemple prototipicidade e relativa estabilidade na comparabilidade/associação entre construções ou (co)lexemas rotinizada e/ou mentalmente acessada por membros de uma comunidade num domínio discursivo-pragmático, social, histórico-cultural e/ou cognitivo, na definição de variantes/alternativas linguísticas. Projeção de problemas e hipóteses/previsões teórico-explicativas sobre um fenômeno que se suspeite/considere variável para encaminhar condições para a configuração de amostras de materiais e/ou processos a pesquisar³⁷.
- Relação entre condições e escolhas relativas a, por exemplo: (a) conhecimento ou não de informantes, (b) materialidade do que estará sob observação³⁸, (c) suporte dessas produções em relação com um domínio de comunicação³⁹, (d) técnicas e/ou dispositivos/ferramentas para reunião de produções, materiais, bem como para seu tratamento estatístico (e) nível de

³⁵ Este ficará para outra oportunidade. A previsão aqui feita será explorada em estudo socioconstrucionista a ser efetivamente desenvolvido. A experiência deste promoverá a revisão do que aqui apenas em tese se expõe.

³⁶ Listamos procedimentos, sem, pelo menos no momento, preocupação com uma ordenação cronológica destes, até porque prevemos, no desenrolar da investigação, avanços e retornos.

³⁷ Nesse passo a passo naturalmente estão previstas também etapas que se aplicam a qualquer estudo/projeto linguístico.

³⁸ Produções orais, produções escritas, produções não-verbais, por exemplo. Neste terceiro caso, ocorreram-nos, por exemplo, linguagem corporal, expressões faciais, movimento ocular, explorados em pesquisa experimental do tipo *on-line* (que propicia medidas durante o processamento cognitivo do estímulo).

³⁹ Entre outros exemplos, ocorrem-nos estes: conversas quotidianas, inquéritos (mais ou menos controlados) gravados/filmados do tipo diálogo entre informantes ou entre documentador e informante ou do tipo elocução formal, conversas ou entrevistas em rádio, televisão e sítios acessados via internet; peças, roteiros de cinema, cartas, textos em jornais ou revistas (acadêmicos ou não); formulários para preenchimento, seleção e/ou avaliação (escalar) de respostas a estímulos.

representatividade das produções, dos materiais, (f) nível e natureza⁴⁰ de acesso às propriedades funcionais/de significação, entre outras.

- Exame preliminar da relação multifatorial e multidimensional dos atributos das faces forma e função/significação com base numa amostra prévia de constructos que instanciem as variantes construcionais investigadas e reflexão sobre processos cognitivos e relações envolvidas.
- Projeção do fenómeno variável em análise na estrutura cognitiva de uma língua, na sua rede de construções. Em outras palavras, representação formal e funcional das variantes construcionais em microconstruções e (sub) esquemas construcionais e de suas relações (de herança e extensão), bem como da relação de instanciação de tais padrões construcionais mentais/abstratos nos constructos detectados em produções linguísticas ou nos constructos sob processamento: (a) tanto no sentido do constructo/experiência de uso/processamento para a representação mental em padrões construcionais (microconstruções, mesoconstruções/subesquemas e macroconstruções/esquemas) quanto no sentido da construção (mais esquemática, passando por menos esquemáticas) até constructos/experiência de uso/processamento; (b) com base em parâmetros construcionais como esquematicidade, produtividade (*type* e *token*), composicionalidade e contextualidade.
- Observação, em tempo real e/ou aparente, de registros reunidos no uso e/ou via técnicas de pesquisa experimental para a detecção de propriedades relativas aos atributos forma e função/significação fundamentada em experiências de uso e/ou processamento (LABOV, 1994, 2001).
- Comparação desses registros com dados de natureza privada e/ou analiticamente manipulados, simulados ou controlados (com o recurso, por exemplo, de exame amostral via ferramenta de busca na internet e via dispositivos digitais referentes a linhas de concordância para reunião “rápida” de dados que se tencione averiguar), para testagem dos pareamentos identificados, da força de atração/restricção de uma construção, da força de coerção de uma construção, de *insights* sobre fenómenos novos.

⁴⁰ Por meio do vocábulo nível, referimo-nos à relação das produções reunidas com outras, até de dimensão mais complexa. Por natureza, referimo-nos às condições de (i) estudo de produtos/registros e/ou processos que os geram e (ii) reunião de evidências replicáveis noutros ambientes (manipulados, simulados e/ou controlados).

- Ainda com relação ao tratamento qualitativo de materiais e processos, mapeamento de variáveis/conjunto de fatores⁴¹: generalizações que viabilizem a configuração de variáveis para controle, para testagem e/ou para análise multivariada do fenômeno variável.
- Tratamento estatístico, principalmente, no que concerne à investigação da associação entre construções gramaticais e itens lexicais, conforme já destacamos, na seção anterior, ao lidar com variação de (co)lexemas em *slot* construcional. Análise de colocação e *collostructional analysis*⁴².
- Reunião, descrição, interpretação e explicação, baseada em reflexão/abstração e em observação a partir de experiências de uso/processamento, de resultados angariados nos procedimentos analíticos (de produtos e processos), com chance de refinamento de algum procedimento adotado ou reconfiguração de alguma representação categorial considerada no desenrolar da investigação.

DESTAQUES FINAIS: REPERCUSSÃO DE ESTUDOS NUMA INTERFACE *VARIAÇÃO-(META)CONSTRUÇÃO*

Em linhas gerais, tais estudos podem abrir caminho para que o fenômeno de variação venha a se consolidar como uma das preocupações centrais entre as generalizações sobre a Gramática de Construções de uma língua configurada a partir (i) da relação entre experiências de uso, percepção e/ou processamento e representações cognitivas que pareiam atributos de forma e função/significação em (sub)esquemas construcionais, (ii) da concepção de articulação entre léxico e estrutura na gramática e (iii) da concepção desta como inventário de padrões delineado coletivamente a partir de experiências individuais.

E esses estudos podem contribuir para que tal fenômeno venha a ser mapeado nas generalizações sociolinguísticas com base no exame não só de propriedades relativas a atributos discursivos (como, por exemplo, grau de conexão discursiva de referente, plano discursivo – figura e fundo) ou pragmáticos (como, por exemplo, o estatuto informacional de referente definido, entre outras coisas, em

⁴¹ A análise da variável dependente (de aloconstruções ou (co)lexemas) será mapeada com base na coatuação de atributos formais e funcionais (captados ou projetados) administrados pelo pesquisador na observação de registros de uso ou nos estímulos eleitos/configurados para as tarefas em pesquisa experimental.

⁴² Klavan (2012), por exemplo, ao tratar de sinonímia gramatical, alia análise multivariada e *collostructional analysis*.

função de conhecimento de mundo (mais ou menos) partilhado, conhecimento pragmático de (inter)locutor e/ou de projeção sobre o conhecimento pragmático de interlocutor), mas também de propriedades relativas a: (i) atributos cognitivos (como, por exemplo, o grau de atenção do interlocutor a uma entidade/evento-referente, ao espaço temporal, geográfico ou mental de localização desta ou às imediações da interação/comunicação, a perspectiva/o ponto de vista de conceptualização de um estado de coisas/de uma entidade pelo enunciador, o grau de (inter)subjetividade na representação do estado de coisas conceptualizado, o grau de proeminência semântica na codificação de um conteúdo conceptual por mais de uma expressão linguística); e (ii) atributos sociais e culturais que passam a ser delineados/recontextualizados por orientação multidimensional (em termos sociohistórico-culturais, socioculturais, sociointeracionais) e apreendidos mediante o exame de registros de uso/produção, processamento, percepção, avaliação, crença, atitude e reação (afeto/emoção).

Aos atributos considerados no sentido do mapeamento cognitivo da variação com base na experiência, relacionam-se, então, observações quanto a representações psicológicas/mentais individuais (significados relativos à cognição individual) e representações psicológicas/mentais rotinizadas/convencionalizadas numa comunidade (significados relativos a uma cognição social, histórico-cultural, socialmente interativa). E ao tratamento escalar das categorias sob análise, soma-se a concepção de categorização de construções baseada em rede de relações (de herança, extensão e instanciação) e em organização radial das unidades ((sub)construções e dos constructos) a uma construção nuclear/protótipo numa estruturação categorial que abarca membros menos e mais exemplares (em outras palavras, membros periféricos e membros centrais), a fim de lidar, por exemplo, com domínios de ambiguidade referencial e de mesclagem conceptual (de correspondência/integração analógica entre membros pertencentes a domínios diferentes), entre outras operações cognitivas.

DISCUSSÃO FINAL

Aqui procuramos corporificar parte do que já concebemos como respostas a perguntas formuladas a partir de Machado Vieira (2016), entre as quais: Qual é o lugar da variação na Gramática de Construções? Variação e alternância são termos diferentes? Que configuração pode ter variação por similaridade? Como se operacionaliza a representação desse tipo de fenômeno linguístico na rede construcional? Na relação forma-função, cogita-se da noção de protótipo ou semelhança de família? Recorre-se a um programa de interface (Sociolinguística

Variacionista e Gramática de Construções) ou formula-se uma heurística própria para a investigação desse tipo de fenômeno?

Em linhas gerais, nosso entendimento é o de que *variação* e *alternância* se prestam a designar o mesmo fenômeno, que, na Gramática de Construções, se instaura, via analogia, pelo menos em razão de duas possibilidades: de mais de uma forma se compatibilizar a *slots* construcionais ou pela possibilidade de construções distintas desenvolverem *links* associativos de similaridade/semelhança simbólica. E, em ambas as relações, cogitamos da noção de protótipo, uma vez que, estando a força de atração/repulsa em jogo, há (co)lexemas e padrões construcionais mais ou menos produtivamente acionados. Para lidar com generalizações dessa ordem, entendemos que uma heurística socioconstrucionista valendo-se de orientações e conceitos oriundos da Sociolinguística Variacionista e da Gramática de Construções merece ser testada: conjugando-se, inclusive, análise multivariada e análise construcional; considerando-se não só situações de relação entre variação e mudança, mas também situações de variação estável, de convivência de padrões construcionais/lexemas variantes; recorrendo-se, na representação, aos constructos teóricos da similaridade configuracional ou semelhança simbólica e da metaconstrução (espaço, na rede construcional de uma língua, subespecificado, para dar lugar à neutralização de diferenças entre lexemas/padrões construcionais que se entrelacem, a partir da experiência, por *links* associativos, por conta de proximidade, similaridade ou sinonímia, promovidos pelos usuários da língua).

Isso posto, passamos, então, a outra rodada de discussões, em que questões como as seguintes passam a impor-se: Como representar a sobreposição de feixes de propriedades de atributos de padrões construcionais/lexemas, que se (re)configuram estatisticamente, na rede construcional? E como fazê-lo, considerando as diversas configurações decorrentes de diferentes práticas discursivas e redes sociais de que indivíduos e grupos de falantes participam e que, portanto, experienciam? Como articular isso com expectativas e construções da ordem do domínio discursivo-pragmático e histórico-cultural em que tais configurações se instalam? Enfim, como podemos acessar e apreender a complexidade, a dinamicidade e a plasticidade de relações entre padrões construcionais/lexemas que indivíduos e comunidades podem estocar entre as generalizações que fazem de sua língua vivenciando fartas experiências linguísticas? Como reunir e tratar rigorosamente amostras representativas dessa realidade multifacetada para configurar generalizações linguísticas que estão/são estocadas na mente?

REFERÊNCIAS

ALVES, Olívia. M. *Estudo sociofuncionalista da alternância entre predicadores pronominais simples e predicadores complexos*. Dissertação de Mestrado (Língua Portuguesa). UFRJ, 2011.

BOYD, Jeremy K.; GOLDBERG, Adele E. Learning what not to say: The role of statistical preemption and categorization in a-adjective production. *Language*, 87, p. 55– 83, 2011.

CAMACHO, Roberto G. Construções passiva e impessoal: distinções funcionais. *Alfa*, São Paulo, 44:215-233, 2000.

CAPPELLE, Bert. Particle placement and the case for “allostructions”. *Constructions. Special Volume 1*, p. 1-28, 2006.

ESTEVES, Giselle Aparecida T. *Construções com DAR + sintagma nominal: a gramaticalização desse verbo e a alternância entre perífrases verbo-nominais e predicadores simples*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele E; BOYD, Jeremy K. A-adjectives, statistical preemption, and the evidence: Reply to Yang (2015). *Language*, vol. 91, n. 4, p. e184-e197, 2015.

GOLDBERG, Adele. Compositionality. In.: RIEMER, N. (Ed.) *Semantics Handbook*. Routledge, 2016, p. 419-430.

GRIES, Stefan Th.; STEFANOWITSCH, Anatol. Extending collocation analysis: a corpus-based perspective on ‘alternations’. *International Journal of Corpus Linguistics*, 9:1, p. 97-129, 2004.

HILPERT, Martin. Collostrucional analysis: measuring associations between constructions and lexical elements. In.: GLYNN, D.; ROBINSON, J. A. (Eds.). *Corpus Methods for Semantics: Quantitative studies in polysemy and synonymy*. [Human Cognitive Processing, 43], p. 391-404, 2014.

KATO, Mary A. Português brasileiro falado: aquisição em contexto de mudança linguística. In: DUARTE, Inês; LEIRIA, Isabel. (Org.) *Congresso Internacional sobre o Português: actas*. Lisboa: A.P.L e Edições Colibri, 1996.

KLAVAN, Jane. *Evidence in linguistics: Corpus-linguistic and experimental methods for studying grammatical synonymy*. (Dissertationes Linguisticae Universitatis Tartuensis). Tartu: University of Tartu Press. 2012.

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Oxford: Wiley-Blackwell, 1994.

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change: Social Factors*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2001.

LABOV, William. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Org.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 235-250.

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change: Cognitive and Cultural factors*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

LEINO, Leino.; ÖSTMAN, Jan-Ola. Constructions and variability. In.: FRIED, Mirjam.; BOAS, Hans C. *Grammatical Constructions: back to the roots*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 192-193, 2005.

MACHADO VIEIRA, Marcia S. Variação e mudança na descrição construcional: complexos verbo-nominais. *Revista Linguística*. / . Volume Especial, 2016, p. 152-170.

MACHADO VIEIRA, Marcia S.; WIEDEMER, Marcos L. A variação no modelo construcionista da linguística funcional-cognitiva. In: BRESCANCINI, Claudia Regina; MONARETTO, Valéria. *E-book do Encontro Intermediário do GT de Sociolinguística da ANPOLL*, 2017. (no prelo).

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; SANTOS, Júlia Lessa dos; KROPF, Morgana Pinheiro Albuquerque. Variação construcional por analogia: padrões construcionais de predicação verbal na voz passiva. *Soletras*, n. 37, p. 154-178, 2019.

PAVÃO, Bruna G.; MACHADO VIEIRA, Marcia S. Predicações com os verbos relacionais ser e estar. *Revista Diadorim*. Volume 14, p. 34-52, 2013.

PEREK, Florent. *Argument Structure in Usage-Based Construction Grammar: experimental and corpus-based perspectives*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2015.

ROBERT, Stéphane. Words and their meanings: principles of variation and stabilization. VANHOVE, Martine. *From polysemy to semantic change: towards a typology of lexical semantic associations*. John Benjamins, 2008, p. 55-92.

SILVA, Amanda; FONTENLOS, Clarissa; JUSTEN, Renata. Que tendências *se pode(m) encontrar* em textos escritos brasileiros? (Comunicação apresentada durante a 39ª Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Tecnológica, Artística e Cultural da UFRJ), 2017.

STEELS, Luc. Fluid Construction Grammar. In: HOFFMAN, Thomas; TROUSDALE, Graeme. *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. New York, Oxford University Press, 2013, p. 153-167.

STEFANOWITSCH, Anatol; GRIES, Stefan Th. The Collostructions: Investigating the interaction between words and constructions. *International Journal of Corpus Linguistics*, 8 (2), p. 209-243, 2003.

TALMY, Leonard. Foreword. In: GONZALEZ-MARQUEZ, Mónica., MITTELBERG, Irene., COULSON, Seana; SPIVEY, Michael J. (eds.). *Methods in Cognitive Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 2007. p. xi-xxi.

TRAUGOTT, Elizabeth C.; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Construction changes*. Great Britain: Oxford University Press, 2013.

VAN DE VELDE, Freek. Degeneracy: The maintenance of constructional networks. In: BOOGAART, Ronny; COLLEMAN, Timothy; RUTTEN, Gijsbert (Eds.) *Extending the scope of Construction Grammar*. Berlin: De Gruyter Mouton, p. 141-179, 2014.

WIEDEMER, Marcos L.; MACHADO VIEIRA, Marcia S. Sociolinguística e Gramática de Construções: o envelope da variação. In.: FRANCESCHINI, L. T.; LOREGIAN-PENKAL, L. *Sociolinguística: estudos de variação, mudança e atitudes linguísticas*. Guarapuava: UNICENTRO, 2018a, p. 41-77.

WIEDEMER, Marcos L.; MACHADO VIEIRA, Marcia S. Lexemas e construção: atração, coerção e variação. In. *Caderno Seminal*. Dossiê especial “A centralidade da variação e a gradualidade da mudança linguística na língua em uso”, p. 81-132, 2018b.